



PAISAGENS E MEMÓRIAS SOBREPOSTAS EM UMA BARRAGEM HIDROELÉTRICA: A REPRESA CAPIVARA, RIO PARANAPANEMA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3468

Gilmar Arruda, UEL

Resumo

Um lago artificial, como o de Capivara, é um artefato humano tão significativo que pode ser observado do espaço, em imagens de satélite, ou mesmo através das imagens do Google Earth. Constitui-se em uma paisagem preponderante, um imenso espelho de água de 560 km², impondo sua realidade aos que se aproximam, vivem ou trafegam pelas rodovias da região. Entretanto, para os que se propõe a examiná-lo, ou estudá-lo, a partir de um campo como a história ambiental, devem reconhecer que ele é composto de 'paisagens e territórios', além de ser um 'amalgama' de ecossistemas. O objetivo dessa comunicação é tematizar o lago como um 'ecossistema construído' pela intervenção humana, procurando destacar quais tempos biológicos; dinâmicas naturais, territorialidades e paisagens foram transformadas e/ou mantidas por esse novo artefato

Palavras Chave:

História Ambiental,
Barragens, Paisagens,
Memória, Ecossistemas
Domesticados.

Introdução

A nossa terra era boa, plantava de tudo, de repente a água chegou, foi cobrindo tudo, aquela coisa bonita, o verde, as casas, os mangueirão, poço, minas, lagoa, aos poucos não tinha mais nada”. Azarias Silveira do Nascimento¹.

Si el agua es vida, los ríos son sus arterias. Las represas regulan o desvían el caudal que fluye por estas arterias, lo cual afecta la sangre vital de la humanidad. El hecho de que traten de hacerlo por el bien del género humano sólo significa que la decisión de construir una represa grande sea más sensible, y que desencadene un abanico de aprensiones, esperanzas y temores, tanto racionales como irracionales. (Relatório da Comissão Mundial de Represas, p. 3).

A construção de barragens para produção de energia elétrica iniciou-se ainda no século XIX, mas foi a construção da barragem Hoover, no rio Colorado, nos

E.U.A, que teria inaugurado a ‘era das grandes barragens’: “A barragem Hoover, uma surpreendentemente graciosa curva de concreto barrando o rio Colorado, tampando seu profundo canyon, nas divisas dos estados do Arizona e Nevada, abriu a era das grandes barragens. (McCully, 2006, p.1).² Para Worster, a barragem Hoover, quando foi terminada em 1935, “...era a maior estrutura massiva de concreto desse tipo em todo o mundo. Ela introduziu uma nova era de aumento da altura das represas, país após país, refazendo a face da terra e alterando a distribuição do poder econômico e social nos países.” (1994, p.64). Ainda, segundo Worster, Hoover, “Mesmo agora [1992], mais de cinquenta anos depois, em um tempo no qual muitos dos símbolos e ideais da modernidade estão começando a cair em descrédito, Hoover continua tendo a capacidade de provocar admiração e renovar a confiança popular na conquista da natureza” (idem, p. 64).

Alguns números, levantados pela Comissão Mundial das Barragens,³

¹ Moradora de Primeiro de Maio-PR. Entrevista concedida para Maria Helena S.H. Machado, em maio/2007. (2009)

² - Para McCully, porém, a era das grandes barragens encontra-se em declínio, pois estaríamos no momento do ‘menor é melhor’ e do crescimento do movimento ‘dam decommissioning’. (pp. LXI – LXIV)

³ - Segundo Patrick McCully, as origens da Comissão Mundial de Barragens situa-se, principalmente, nas lutas desenvolvidas pelos atingidos pelas represas e ongs espalhadas pelo mundo, em particular aquelas que focaram como alvo os projetos financiados pelo Banco Mundial desde meados dos anos de 1980. Principalmente a campanha, ocorrida nos anos de 1990, contra a Represa de Sardar Sarovar, no rio Narmanda, na Índia. As pressões levaram o banco a fazer uma revisão dos financiamentos mas, ao final, apesar de certo tom crítico, a revisão concluiu que 74% dos projetos eram aceitáveis. O Banco convocou uma reunião, juntamente com a União Mundial para Conservação (IUCN), em Gland, Suíça, quartel general da ong, com a participação de cerca de trinta membros de outras ongs e representantes de populações afetadas pelas

represas. A ong Rede Internacional de Rios (IRN), da qual McCully foi diretor, escreveu um documento crítico ao relatório produzido pelo Banco Mundial, o qual foi enviado ao Presidente James Wolfensohn. O documento foi endossado por outras 44 ongs. A isso somou-se o apoio político do Primeiro Encontro Mundial de Povos Atingidos por Barragens, realizado em Curitiba naquele ano, que solicitava uma comissão internacional independente para rever as construções de represas. Em Gland, estabeleceu-se um acordo entre construtores e seus críticos, para desenvolver padrões aceitáveis internacionalmente para a localização, planejamento, construção e financiamento de projetos de grandes represas. Essa seria a origem da Comissão Mundial de Barragens, contanto com especialistas de diversos países, representantes de governos e instituições financiadoras, movimentos atingidos por barragens e movimentos ambientalistas. O chefe da Comissão foi Kader Asmal, então Ministro das Águas da África do Sul. Finalmente, em 16/11/2000, foi lançado, em Londres, por Nelson Mandela em uma deslumbrante cerimônia o relatório **Dam and Development: A New Framework for Decision-Making**. (Ver McCully, op. Cit, pp. XIX a XXV). O relatório

permitem visualizar a dimensão da interferência nos cursos d'água em todos os recantos do mundo. Até o final da década de 1940 havia cerca de 5.000 represas, 75% delas nos países industrializados. No final século vinte existiam mais de 45.000 mil represas em mais de 140 países de todas as partes do mundo, seja para a produção de energia elétrica, irrigação, controle de inundações ou abastecimento de água potável. O boom desta tendência ocorreu nos anos de 1970 tendo sido construídas mais de 5.000 represas entre 1970 e 1975. Embora, no final do século, apareceu uma nova tendência, a desativação de represas, consideradas velhas, pequenas ou inviáveis economicamente. Nos Estados Unidos, cerca de 500 represas, deixaram de operar e, desde 1998, a taxa de desativação superou a de construção. (Relatório..., p.9)

Os planos de aproveitamento das corredeiras de Capivara, que tiveram os primeiros momentos ainda nos anos de 1940, no período de gestão do gov. Moyses Lupion, são retomadas nos anos de 1960, durante o período militar, com a participação de consultores e engenheiros da Canambra Consultants Engenning. A Companhia Paulista de Eletricidade de São Paulo- (CESP) assumiu a construção dando início às obras em 1971. No ano de 1975, mais especificamente no dia de vinte de dezembro, fecharam-se as comportas da usina para a formação do lago. Foram inundados cerca de 150.000 hectares nos estados de São Paulo e do Paraná. Em São Paulo os municípios afetados foram: Taciba, Martinópolis, Iepê, Rancharia, Paraguaçu Paulista, Maracáí, Cruzália, Florinea e Cândido Mota. No Paraná cerca de 64.000 hectares de terra foram cobertos, tendo sido afetadas as cidades de Porecatu, Florestópolis, Alvorada do Sul, Primeiro de Maio, Sertanópolis, Leopólis, Santa Mariana e Itambaraca. Dentre estes

municípios paranaenses, o mais impactado foi o de Primeiro de Maio que perdeu 10.489,72 hectares. A Usina Capivara possui o maior reservatório ao longo do rio Paranapanema com 576Km², com 10,6 bilhões de M³ represados, gerando o total de 676Mw.

Esse lago, têm sido apropriado em suas margens através da pesca, da navegação, da construção de chácaras de lazer ou moradia são, de fato, práticas sociais desencadeadas por uma nova paisagem, uma paisagem construída pelos humanos: o lago. Abordaremos, portanto, o lago como um 'ecossistema construído' pela intervenção humana, procurando destacar quais dinâmicas naturais, territorialidades e paisagens foram transformadas e/ou mantidas por esse novo artefato. (PÁDUA, 2010, CORREA, 2012, CABRAL, 2014).

Lago Capivara: paisagens e memórias sobrepostas de um rio que existia

Um rio não é apenas um curso de água. Essa é uma afirmação prosaica, mas que nos permite ter uma perspectiva mais ampla do que ele representa na relação entre os ecossistemas:

Rios são muito mais do que meramente uma água correndo em direção ao mar. Rios carregam correnteza abaixo não somente água, mas importantes sedimentos, minerais dissolvidos, detritos com ricos nutrientes de plantas e animais, vivos e mortos. As constantes alterações de seu leito, margens e nível das águas são partes integrais do rio. Mesmo os campos, florestas, pântanos, lagoas podem ser vistas como parte do rio – e o rio com parte deles.” (McCully, 2006, p. 08)

Além disso, os rios são também

pode ser obtido em:

<http://www.internationalrivers.org/resources/dams-and-development-a-new-framework-for-decision-making-3939>

energia. Para Richard White (1995), os rios são sobretudo, energia, são como uma “máquina orgânica”, um “sistema de energia” que, embora modificado pelos humanos, mantém-se natural, com suas qualidades “não fabricadas”: “A corredeira do rio é energia, como é a eletricidade que vem das represas que bloqueiam as corredeiras. O trabalho humano é energia, como são as calorias estocadas em forma de gordura pelos salmões em sua jornada rio acima. Olhando por um lado, energia é abstração, olhando por outro é concreto como o salmão, o corpo humano, e a Grande Represa Coulee.” (idem, p. IX). Para Richard White a relação entre os rios e os homens deve ser pensada por essa característica natural presente nos cursos d’água, que resulta em trabalho: “O peso e a correnteza da água produzem a energia que permite aos rios trabalhar, movendo pedras e solos: a quantidade de energia potencial de um rio está associada a quantidade de água e a declividade de seu leito.” (idem, p. 06).

A “máquina orgânica”, que existe na prática, nos planos e nos sonhos dos planejadores, na vontade expressa da sociedade contemporânea de por “a natureza para trabalhar”, porém, não elimina sua característica principal, o rio permanece, ainda assim, como um sistema natural. White exemplifica isso mencionando um período no início dos anos de 1970, “Quando, como em 1972/1973, as tempestades de inverno não produziram neve suficiente, e a seca continuou durante a primavera e o verão, então, os níveis dos reservatórios baixaram e a produção caiu. Os reservatórios não poderiam armazenar água que a natureza não produziu.” (idem, p. 79) A metáfora ‘máquina orgânica’ possibilita examinar as representações da natureza presentes na concepção dos planejadores, isto é, nos discursos e projetos produzidos por engenheiros e políticos para o ‘aproveitamento’ do rio que justificava e legitimava a construção das barragens a partir dos anos de 1940.

Oswaldo Sevá, chama as barragens de ‘estranhas catedrais’, contribuindo ao definir o que seria uma barragem e um rio barrado. Para Sevá:

Barragens e represas têm que ser consideradas, cada uma, como um fato físico-territorial recente. Cada uma delas se sobrepôs ao que sempre foi ali o piso da vida animal e humana, seu fluxo de água aproveitada é parte do fluxo que sempre por ali passou como parte do ciclo maior da água na atmosfera.” (2008, p 44).

Ou seja, o artefato barragem, essas ‘estranhas catedrais’, para além da massa de concreto e ferros, são objetos que possuem historicidade, um determinado tempo histórico que se sobrepõe/interage com outros fluxos de tempo, como o das correntezas dos rios. Os rios são barrados por essas massas enormes de concreto, porém um rio barrado, não é mais um rio:

Um rio barrado não é mais um rio, é um conjunto de ecossistemas parcialmente gerenciados, esses que o povo chama “lagos” por causa de seu aspecto fotogênico, mas que são de fato reservatórios – e que são obrigatoriamente evaporatórios - e que são também infiltratórios. Sabemos, enfim, que – com as represas, a alteração irreversível do relevo oculta outras alterações das camadas da crosta terrestre, mudando os seus níveis de pressão interna, fazendo sumir a água de onde ela circulava, fazendo – a surgir onde não havia. Só que tal tipo de alterações também tem consequências sociais e econômicas: se cardumes desaparecem, espécies se tornam dominantes, peixamentos exóticos são feitos nas represas, aí a alimentação do povo muda; se poços d’água secam, várzeas se encharcam e enchem “por baixo”, se brotam novas nascentes, ou secam as existentes, então a agricultura muda; se há vegetações submersas, emanam gases

carbônicos, inclusive metano e ácidos orgânicos, afetando os vizinhos e seus bichos e plantas – e por essa razão também são temas e situações estudadas pelos pesquisadores da área social e econômica. (p. 45)

Essas afirmações parecem ser um programa de análise das barragens para o campo da história ambiental. Sevá, porém, separa os objetos de estudos, apontando as consequências das alterações como objeto de investigação para área de estudos 'sociais e econômicos', na qual estaria inserida a história. Assim, podemos utilizar o conceito de paisagem para, através dele, pensar as memórias soterradas.

A paisagem, esse recorte de espaço, que se enxerga através da janela de um carro, ou de um avião, apesar de sua aparente naturalidade, pode ser tomado como um documento com o qual seja possível recuperar os diversos testemunhos da transformação da natureza em terra. Um documento em sentido histórico, que como todo documento, é também monumento. Nesse sentido, que se afirmou que a paisagem possui uma 'aparente naturalidade', pois os processos passados, as interações dos humanos com o mundo natural e de suas relações sociais, conduziram as transformações e construções para a configuração que se vê através da janela, ou do ponto de viliatura.

A paisagem não é natureza. Ela é natureza e cultura, são artefatos da cultura historicamente determinados, transformando-se com as próprias sociedades que os criam. São compostas de camadas de representações, das quais algumas possuem suas origens a centenas, às vezes, milhares de anos, e outras são tão recentes quanto o presente:

Compõe-se tanto de camadas de lembranças quando de estratos de rochas (...) Mas também é verdade que nos custa imaginar um único

sistema natural que a cultura humana não tenha modificado substancialmente, para melhor ou para pior(...) E esse mundo irreversivelmente modificado, das calotas polares às florestas equatoriais, é toda a natureza que temos. (SCHAMA, 1996, p. 17).

As paisagens se compõem de lembranças, de cultura, de memória. Existe, assim como no controle sobre a memória, a presença do poder:

(...) a paisagem não é apenas um tipo particular de expressão cultural da realidade, mas um meio de reforçar uma ideologia dominante em uma determinada sociedade. (...) É também a reprodução inconsciente de determinados modos de pensamento que religam a ideologia ao poder simbólico da natureza, definido como um conjunto preexistente de símbolos e significados (...) A paisagem é fundamentalmente política: toda mudança social constitui, na verdade, um desafio às concepções preexistentes da natureza e às suas representações simbólicas na paisagem. (GANDY, 2004, p. 80).

Poder de direcionar, de atribuir sentido do que deve ser valorizado ou desvalorizado, de ser lembrado e de ser esquecido. A paisagem é um documento/monumento. (LE GOFF, 1985). Pode-se, portanto, falar em memórias suportadas pela paisagem, ou mais propriamente, as paisagens são suportes materiais da memória, mesmo das que não podem ser ditas, ou das memórias reprimidas. (POLLACK, 1989, 1992)

Porém, como alerta Dora Correa, para discutir a paisagem deve-se, em princípio, definir qual é o tipo de evidência que está se analisando: 'o quadro natural diretamente visualizado pelo pesquisador no trabalho de campo ou documentos escritos, dados quantitativos, fotografias, pinturas ou filmes que descrevem ou sugerem um cenário'

(CORREA, 2015, p. 255). São testemunhos e, portanto, são modos de representação do real. Existe também a distância, ou diferenças, do tempo do '...protagonista da descrição, da fotografia ou da pintura, bem como do próprio investigador' (idem, p.256). Não só tempo, mas a intenção de poder do registro, de um registro de uma paisagem e, por parte do investigador, do poder da pergunta, da intenção da pergunta que atende ao tempo presente.

Esse é o contexto, que segundo Dora Correa estabelece um 'diálogo entre a história cultura e a história ambiental, no qual reaparece o uso do conceito de paisagem:

...a descrição do espaço físico recupera parcialmente o estilo das abordagens da primeira metade do século XX. A paisagem volta a ser caracterizada, confundindo-se agora com as noções de natureza e de meio ambiente. Se a terra e a sua exploração era afirmada, num primeiro momento, como suporte da brasilidade, depois como recurso de produção, hoje é meio ambiente, natureza, mas também, representação" (idem, p. 261)

De um lado, da história cultural, predominaria a representação sobre a realidade material. Já para a história ambiental paisagem tenderia a ser '...um conjunto pré-existente ao pensamento e se aprofunda na forma enquanto concretude' (idem, p. 261). A questão que se retira é que tanto a paisagem tem história, evidenciada pelas marcas deixadas nos espaços geográfico, no relevo, na fauna, como a própria ideia de paisagem também possui história. Paisagem é "um modo de percepção dos elementos naturais, uma perspectiva que não é necessariamente universal" Os elementos culturais e as sensibilidades que se destacam nos documentos são vistos como históricos, mas a forma também possui história: "foi a pintura renascentista que começou a da forma à nossa percepção de natureza. É nesse momento

que se estabelece a janela que enquadra o visualizado, a perspectiva, a posição do observador, a horizontalidade, a dimensão, a escala e a direção. Enfim, a forma também é criada." (idem, p.266).

O problema, ou desafio, a ser superado, é que, como diz Dora Correa, "a palavra paisagem faz parte de nosso cotidiano e a utilizamos como o visualizado e seu objeto, a própria natureza organizada" (idem, p.267), revelando o poder do conceito e das idealizações associadas.

Memórias sobrepostas

Vejamos alguns pontos que podem ser explorados de uma paisagem que restou apenas na memória dos moradores da cidade de Primeiro de Maio-PR, a mais afetada pela constituição do Lago. Em Primeiro de Maio, local onde o rio Tibagi desagua no rio Paranapanema, lugar no qual existia uma pequena ilha que era apropriada pelos moradores com roças, local de lazer e, também, para atividade de pesca profissional. Dulcimar Ferreira dos Anjos recolheu depoimentos de alguns desses moradores, como senhor Silvío Miguel, pescador:

No começo era meu pai que pescava, daí comecei a pescar (...) a caça era liberada, a gente caçava também e plantava arroz na ilha. Peixe, pegava muito peixe aquele tempo, corimba, piava, piracanjuba (...) na quarta-feira, de madrugada, tirava o peixe prá fazê entrega pro peixero (...) toda semana, era duas três vezes por semana entregava peixe. Acho que ficou bem mais ruim, porque naquele tempo era gostoso, tinha aqueles planos cheio de areia, aquela planície de areia na beira do rio, era gostoso, naquela sombra, era legal! Aquele tempo, fazia piquenique, minha prima ia lá, nós plantava milho, então eles ia na ilha fazê pamonha na ilha, fazia pamonha, curau, tudo na ilha. Aquele tempo, era gostoso aquele tempo, brincava no rio, dentro da

água, brincava na água, todo mundo brincava (...) era um tempo gostoso, era bom! (SILVIO MIGUEL, entrevista em 24/11/2008).

O rio, enquanto ecossistema com características específicas era lugar de apropriação pelos humanos de uma forma que viria a ser radicalmente transformada pela barragem. As condições naturais, corredeiras, leito do rio, barrancos com pedreiras permitiam a existências de espécies características dos rios da Bacia do Rio Paraná, da qual fazem parte os rios Tibagi e Paranapanema. Entre essas espécies, atualmente praticamente desaparecidas no Lago Capivara, estavam o corimba, a Piracanjuba, o piava, piapara, etc. Esse ecossistema específico permitia a atividade profissional de pesca bem como a agricultura e a de lazer (piqueniques), nadar, etc. As águas do lago soterraram as corredeiras, ou melhor, barraram as corredeiras, no local onde havia movimento das águas, agora elas estão 'lentas', como apontou Oswaldo Sevá.

A memória da paisagem existente, no relato do Sr. Silvio, nos permite apontar que a transformação de um rio em um lago afeta não apenas as condições de sobrevivência de inúmeras espécies animais e vegetais existentes no seu ecossistema, como pode ser percebido no exemplo mais visível do desaparecimento de espécies nativas na bacia. Altera a dinâmica das relações dos humanos com aquele ecossistema, pois as características anteriores deixaram de existir, impondo a necessidade de sua transformação. A atividade de pesca não desapareceu mas teve que ser adaptada as novas condições e as novas espécies introduzidas intencionalmente, como a corvina, ou acidentalmente, como o tucunaré e a tilápia.

As outras atividades também se deslocaram, como a prática do pequinique as margens da ilha. A partir do final dos anos de 1990 emergiu uma nova prática de apropriação das margens da represa, o fenômeno das chácaras de lazer, que

acabaram por empurrar os antigos pescadores que sobreviviam para outros lugares. Novas populações e artefatos passaram a ocupar parte das margens do lago, novas demandas de serviços, novas práticas de apropriação das águas, como lanchas, motoskie, etc. (ARRUDA, 2013)

Um outro aspecto das características naturais do rio é também mencionado na narrativa do Sr. Silvio: "Acho que ficou bem mais ruim, porque naquele tempo era gostoso, tinha aqueles planos cheio de areia, aquelas planícies de areia na beira do rio, era gostoso". Essas areias, lembradas com saudades, lugar de descanso, de lazer e repouso, provavelmente um lugar no qual se podia praticar a 'vilegiatura' das águas correntes do rio que não mais existia. Areias das margens de um rio que não existe mais, agora é só água, só lago, o rio ficou na memória dos antigos moradores.

Referências

- ANJOS, Dulcimar Ferreira dos. **Represa Capivara: impactos sócios ambientais e econômicos no município de Primeiro de Maio**. Londrina: PDE-Programa de Desenvolvimento da Educação. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1832-8.pdf>. Acesso em 18-08-2017, as 11:00 hs
- ARRUDA, Gilmar. Turismo, natureza e história ambiental: chácaras de lazer na represa de Capivara-PR. **Antíteses** (Londrina). v.6, p.269 - 292, 2013.
- CABRAL, Diogo de Carvalho. O Brasil é um grande formigueiro: território, ecologia e a história ambiental da América portuguesa, parte 1. **Halac**. Belo Horizonte. Vol. III, n.2. março/2014. Pp.467-489.
- CORRÊA, Dora Shellard. A história ambiental e a paisagem. **Halac**. Belo Horizonte. Vol. II, n.01. set/2102-fev./2013. Pp.47-69.
- CORREA, Dora Shellard. Paisagens através de outros olhares. **Revista de História Regional**. 20(2): 252-276, 2015
- GANDY, Mathew. Paisagem, estética e ideologia. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAAHL, Zeny. (orgs.) **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. pp. 75 – 91

- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. *Memória - História*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985. Enciclopédia Einaudi, v. 1.
- MACHADO, Maria Helena S.H. **Primeiro de maio**: história e memória. Programa de Desenvolvimento da Educação-PDE; Londrina, 2007. Disponível em http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_maria_helena_silveira_hernandes_machado.pdf. Acesso em 18-08-2017, 10: 00 hs
- MCCULLY, Patrick. **Silenced rivers**: the ecology na politics of Large Dams. (enlarged na updated editon). London/New York: Zed Books, 2006.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**. v.24, n°68, janeiro/2010.
- POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.
- POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.
- SCHAMA, S. 1996. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras.
- SEVA, Osvaldo. Estranhas catedrais. Notas sobre o capital hidrelétrico, a natureza e a sociedade. **Cienc. Cult.** [online]. v. 60, n. 3, pp. 44-50. 2008
- WCD -World Comission on Dams. **Dams and development. A new framework for decision-making**. The Report of the World Commission on Dams, Earthscan Publications, London: 2000.
- WHITE, Richard. **The organic machine: the remaking of the Columbia River**. New York: Hill and Wang, 1995.
- WORSTER, Donald. **Under western skies: nature and history in the American West**. New York: Oxford University Press, 1994.